

Joseph Roth

A REBELIÃO

«A inteira obra de Joseph Roth não é mais do que
uma moderna *tragédie humaine*.»

Nadine Gordimer



cavalo de ferro

I

Os barracões do Hospital de Guerra Número XXIV encontravam-se à beira da cidade. Da última estação do eléctrico até ao hospital, um homem são teria tido de caminhar vivamente uma meia hora. O eléctrico conduzia ao mundo, à cidade grande, à vida. Mas os ocupantes do Hospital de Guerra Número XXIV não podiam chegar à última estação dos carros eléctricos.

Eram cegos ou mancos. Coxeavam. Tinham a coluna vertebral destruída a tiro. Estavam à espera de uma amputação ou já tinham sido amputados. A guerra encontrava-se muito longe, atrás deles. Haviãam esquecido o treino; o sargento; o senhor capitão; a companhia de marcha; o capelão militar; o aniversário do Imperador; o rancho; a trincheira; o assalto. A *sua* paz com o inimigo estava selada. Armavam-se já para uma nova guerra; contra as dores; contra as próteses; contra os membros paralisados; contra as costas curvadas; contra as noites sem sono; e contra aqueles que estavam sãos.

Só Andreas Pum estava satisfeito com o rumo das coisas. Tinha perdido uma perna e recebido uma condecoração. Muitos não possuíam condecoração nenhuma, embora tivessem perdido mais do que uma só perna. Estavam sem braços e sem pernas. Ou tinham de estar sempre deitados na cama, porque

a medula espinal estava desfeita. Andreas Pum ficava contente quando via sofrer os outros.

Ele acreditava num Deus justo. Este distribuía tiros na medula espinal ou amputações, mas também condecorações consoante o mérito. Pensando bem, a perda de uma perna não era algo muito mau e a sorte de ter recebido uma condecoração era uma grande sorte. Um inválido podia contar com a consideração da gente. Um inválido condecorado, com a do governo.

O governo é algo que está por cima das pessoas tal como o céu por cima da terra. Aquilo que dele vem pode ser bom ou mau, mas é sempre grande e superior, insondado e insondável, ainda que às vezes até seja compreensível para pessoas comuns.

Há camaradas que barafustam com o governo. Em sua opinião, o que lhes acontece é sempre injusto. Como se a guerra não fosse uma necessidade! Como se as suas consequências não tivessem de ser, evidentemente, dores, amputações, fome e miséria! Que queriam eles? Não tinham Deus, nem Imperador, nem Pátria. Eram certamente pagãos. «Pagãos» é a melhor expressão para pessoas que se opõem a tudo aquilo que vem do governo.

Era um domingo quente de Abril. Andreas Pum estava sentado num dos bancos de madeira brancos, toscamente aplainados, que estavam colocados no meio do relvado diante dos barracões do hospital. Em quase cada banco estavam sentados dois ou três convalescentes juntos, e a falar. Só Andreas estava sentado sozinho, regozijando-se com a designação que tinha encontrado para os seus camaradas.

Eles eram pagãos, como, por exemplo, as pessoas que estavam presas na cadeia por roubo, homicídio involuntário,

assassinato ou até assassinato associado a roubo. Porque é que as pessoas furtavam, matavam, roubavam, desertavam? Porque eram pagãos.

Se alguém, naquele momento, tivesse perguntado a Andreas o que são pagãos, ele teria respondido: por exemplo, pessoas que estão na prisão, ou também aquelas que, por acaso, ainda não foram apanhadas. Andreas Pum estava muito satisfeito por lhe ter ocorrido essa dos «pagãos». A palavra bastava-lhe, satisfazia as suas reiteradas interrogações e dava resposta a muitos enigmas. Dispensava-o da obrigação de continuar a reflectir e de ter de se forçar a perceber os outros. Andreas regozijava-se com a palavra. Ao mesmo tempo, esta proporcionava-lhe um sentimento de superioridade em relação aos camaradas que estavam sentados nos bancos a tagarelar. Eles tinham, em parte, ferimentos mais graves e nenhuma condecoração. Não era aquilo que mereciam? Porque resmungavam eles? Porque estavam insatisfeitos? Receavam pelo seu futuro? Se persistissem ainda mais na sua obstinação, então tinham mesmo razão para temer pelo seu futuro. Eram até eles próprios que estavam cavando as suas sepulturas! Como haveria o governo de atender os seus inimigos? Dele, Andreas Pum, pelo contrário, irá já cuidar.

E enquanto, no céu sem nuvens, o Sol se dirigia rápida e seguramente para o seu zénite, tornando-se cada vez mais ardente e já quase estival, Andreas Pum pensava nos próximos anos da sua vida. O governo entregou-lhe uma pequena venda a retalho de selos postais ou um lugar de guarda num parque sombreado ou num fresco museu. Aí está ele, agora, sentado com a sua cruz ao peito, há soldados que lhe fazem continência, um general que por ali passa dá-lhe uma

palmadinha no ombro e as crianças têm medo dele. Porém, ele não lhes faz mal nenhum, somente está atento para que elas não saltem para cima do relvado. Ou as pessoas que vêm ao museu compram-lhe catálogos e postais artísticos, sem, contudo, o encararem como um vulgar vendedor, mas sim como um funcionário público. Talvez também ainda se encontre uma viúva, sem filhos ou com um filho, ou uma donzela mais velha. Um inválido dotado de uma boa pensão não é um mau partido, e os homens, depois da guerra, são muito procurados.

O som claro de uma sineta pulou por cima do relvado em frente dos barracões, a anunciar o almoço. Os inválidos levantaram-se dificilmente e, apoiados uns nos outros, cambalearam em direção ao grande e alongado barracão de madeira do refeitório. Andreas levantou com apressado zelo a sua muleta, que tinha caído ao chão, e foi coxeando alegremente atrás dos camaradas, para os ultrapassar. Não acreditava propriamente nas dores deles. Também ele tinha de sofrer. E, no entanto – vejam! –, como ele é capaz de ser ligeiro quando a sineta o chama!

Evidentemente, ultrapassa os mancos, os cegos, os homens com as vértebras torcidas, cujas costas estão tão curvadas que formam um traço paralelo à terra sobre a qual caminham. Atrás de Andreas, gritam-lhe alguma coisa, mas ele não os ouvirá.

Havia outra vez papas de aveia, como todos os domingos. Os doentes repetiram o que estavam habituados a dizer todos os domingos: as papas de aveia são enfadonhas. Andreas, porém, não as achou nada enfadonhas. Chegou o prato aos lábios e bebeu o resto, depois de ter tentado em vão, umas quantas

vezes, pescá-lo com a colher. Os outros olharam para ele e, hesitantes, seguiram-lhe o exemplo. Ele manteve o prato durante muito tempo diante da boca e, por cima da borda, espreitou para os camaradas. Verificou que a sopa lhes sabia bem e que as suas falas haviam sido bazófia e petulância. «São pagãos!», regozijou-se Andreas, e pousou o prato na mesa.

Os legumes secos, a que os outros chamavam «arame farpado», souberam-lhe menos bem. Não obstante, esvaziou o prato. Teve depois o sentimento apaziguador de ter cumprido um dever, como se tivesse polido uma espingarda ferrugenta. Lamentou que não viesse nenhum sargento para inspeccionar a loiça. O seu prato estava tão limpo como a sua consciência. Um raio de sol caiu sobre a porcelana e esta brilhou. O que era de entender como um louvor oficial do Céu.

Durante a tarde, chegou a há muito anunciada princesa Mathilde, vestida de enfermeira. Andreas, que na sua secção tinha o comando da sala, encontrava-se em sentido, junto à porta. A princesa estendeu-lhe a mão e ele inclinou-se, embora tivesse a intenção de permanecer direito. A sua muleta caiu ao chão, a acompanhante da princesa Mathilde curvou-se e levantou-a. A princesa lá foi, com a enfermeira-chefe, o médico-chefe e o padre atrás dela.

– Velha puta! – disse um homem da segunda fileira de camas.

– Desavergonhado! – gritou Andreas. Os outros riram-se. Andreas encolerizou-se. Mandou pôr as camas em ordem, embora todas as cobertas estivessem limpas e três vezes dobradas, como mandava o regulamento. Ninguém se mexeu. Alguns começaram a encher os seus cachimbos.

Veio então o cabo Lang, um engenheiro, a quem faltava um braço e perante quem também Andreas tinha respeito, e disse:

– Não te irrites, Andreas, todos nós somos mesmo uns pobres diabos!

Fez-se um grande silêncio no barracão; todos olhavam para o engenheiro. Lang estava diante de Andreas a falar. Não se sabia se estava a falar para Andreas ou para os outros, ou até apenas para si próprio. Olhou lá para fora pela janela e disse:

– A princesa Mathilde estará agora muito satisfeita. Também ela passou um dia difícil. Ela visita, todos os domingos, quatro hospitais. Pois já há, como deveis saber, mais hospitais do que princesas e mais doentes do que são. E mesmo os aparentemente são estão doentes, só que muitos deles não o sabem. Talvez em breve façam a paz.

Alguns pigarrearam. O homem da segunda fileira de camas, o que antes dissera «velha puta», tossiu ruidosamente. Andreas coxeou até à sua cama, tirou da prateleira, por cima da cabeceira, uma caixa de cigarros e chamou a si o engenheiro.

– Bom cigarro, Senhor Doutor! – disse Andreas. Ele chamava «doutor» ao engenheiro.

Lang falava como um pagão, mas também como um padre. Talvez por ser tão instruído. Mas tinha sempre razão. Uma pessoa tinha vontade de o contradizer e não encontrava argumentos. Ele havia de ter razão, se não era possível contradizê-lo.

À tardinha, o engenheiro estava estendido na cama, ainda vestido, e disse:

– Quando as fronteiras estiverem outra vez abertas, vou-me embora para muito longe. Não haverá mais nada a fazer na Europa.

– Contanto que nós ganhemos a guerra! – disse Andreas.

– Todos a vão perder – replicou o engenheiro. Andreas Pum não percebeu, mas fez que sim com a cabeça, respeitosamente, como se tivesse de dar razão a Lang.

Entretanto, propôs-se ficar no país e vender bilhetes-postais artísticos num museu. Até admitia que para pessoas instruídas talvez não houvesse lugar. Haveria o engenheiro, porventura, de passar a ser guarda de um parque?

Andreas não tinha familiares. Quando outros recebiam visitas, ele saía e ia ler um livro proveniente da biblioteca do hospital. Tinha, muitas vezes, estado perto de se casar. Mas o receio de ganhar demasiado pouco para manter uma família tinha-o impedido de pedir em casamento Anny, a cozinheira, a costureira Amalie ou a criada de meninos Poldi.

Tinha apenas «andado» com todas as três. A sua profissão também não era, de facto, para mulheres jovens. Andreas era guarda-nocturno num armazém de madeira fora da cidade e só estava livre uma vez por semana. A sua natureza ciumenta ter-lhe-ia perturbado a pacata alegria do serviço conscienciosamente cumprido ou tê-lo-ia tornado completamente impossível.

Alguns dormiam e ressonavam. O engenheiro Lang lia.

– Posso apagar? – perguntou Andreas.

– Sim – disse o engenheiro, e pôs de parte o livro.

– Boa noite, Doutor – replicou Andreas. Cortou a luz. Despiu-se no escuro. A sua perna de pau ficou encostada à parede, do lado direito.

Andreas pensa, antes de adormecer, na prótese que o médico-chefe lhe prometeu. Será uma prótese impecável, como a que usa o capitão Hainigl. Não se nota mesmo nada que

lhe falta uma perna. O capitão anda livremente, sem bengala, pelo quarto, como se apenas tivesse uma perna mais curta. As próteses são uma grandiosa invenção das altas entidades, do governo, que realmente tem o seu custo. Isso há que dizê-lo.

II

A prótese não veio. Em vez dela, veio a desordem, a queda, a revolução. Andreas Pum só sossegou duas semanas mais tarde, depois de ter depreendido, pelos jornais, pelos acontecimentos, pelas falas das pessoas, que, mesmo em repúblicas, os governos decidiam dos destinos do país. Nas grandes cidades, disparava-se contra os revoltosos. Os espartaquistas pagãos não davam descanso. Provavelmente, queriam abolir o governo. Não sabiam o que depois se seguiria. Eram maus ou estúpidos, eram abatidos a tiro, era bem feito para eles. As pessoas vulgares não se devem intrometer nos assuntos das que são inteligentes.

Estava-se à espera de uma comissão médica. Esta tinha de decidir quanto à existência do hospital, quanto à incapacidade para o trabalho, quanto ao aprovisionamento dos seus internados. A fazer fé no boato, que viera a esvoaçar até ali de outros hospitais, só os trémulos permaneceriam. Todos os outros recebiam dinheiro e, talvez, uma licença para um realejo. De uma venda a retalho de selos postais, de um lugar de guarda num parque ou num museu, nem era bom falar.

Andreas começou a lamentar não ser um tremedor. Dos cento e cinquenta e seis doentes do Hospital de Guerra Número XXIV, só um tremia. Todos o invejavam. Era um ferreiro

chamado Bossi, de origem italiana, negro, de ombros largos, sinistro. O seu cabelo crescia densamente por cima dos olhos e ameaçava expandir-se sobre a cara inteira, tapar-lhe a testa estreita e, cobrindo-lhe as faces, encontrar maneira de se unir à barba agreste.

A doença de Bossi não diminuía o medonho efeito da sua força física, antes aumentava a sua enormidade. A testa estreita pregueava-se e desaparecia entre as sobranceiras espessas e a raiz do cabelo. Então, os olhos verdes sobressaíam, a barba estremecia e ouvia-se os dentes a bater. As possantes pernas encurvavam-se a ponto de as rótulas ora se tocarem pelo lado de dentro, ora se afastarem uma da outra, e os ombros sacudiam-se para cima e tornavam a cair, ao passo que a cabeça imponente persistia num constante abanar, ligeiro, negativo, como se vê nas cabeças de velhas sem forças. Os movimentos ininterruptos do corpo impediam o ferreiro de falar claramente. Ele fazia brotar meias frases a borbulhar, cuspiam uma palavra, ficava mudo durante um bocado e começava outra vez. O facto de um homem tão vigoroso, tão bravo, ter de tremer fazia parecer a doença, do conhecimento geral, mais temível do que era. Uma grande tristeza acometia todo aquele que via o ferreiro a tremer. Este era como um colosso cambaleante em cima de um chão inseguro. Mantinha toda a gente na expectativa do seu colapso para dentro em breve e, no entanto, não desabava. Incrível era que um homem de tais proporções oscilasse continuamente sem se desconjuntar de vez, libertando-se a si próprio e aos que o rodeavam. Até os inválidos mais infelizes, aqueles que tinham a coluna vertebral destruída a tiro, entravam, na proximidade de Bossi, num temor sem fim à vista, tal como é possível sentir

ante catástrofes que não há meio de se produzirem e cuja ocorrência seria um alívio.

Quem o via sentia a necessidade de lhe valer e, ao mesmo tempo, sentia-se impotente. Reconhecer que não era possível ajudá-lo era doloroso e humilhante. Por vergonha, até o próprio teria querido tremer. A doença pegava-se ao observador. Por fim, a pessoa retirava-se, escapulia-se, sem, contudo, poder esquecer a imagem do gigante a tremer.

Três dias antes da chegada da comissão, Andreas dirigiu-se ao barracão de Bossi, a quem ele sempre tinha evitado. Vinte coxos e pernetas estavam reunidos ao redor do ferreiro e olhavam para ele num silêncio muito emotivo. Talvez eles tivessem esperança no efeito contagioso da tremura. Em todo o caso, ora um ora outro sentiam um forte estremecimento nos joelhos, nos cotovelos e nos pulsos. Mas não o confessavam uns aos outros. Alguns esgueiravam-se dali e experimentavam tremer quando estavam um momento sozinhos.

O desconfiado Andreas, que, por razões plenamente indeterminadas, não podia suportar Bossi, começou por duvidar da doença. A inveja apoderou-se dele e, pela primeira vez, sentiu amargura contra o governo, que queria recompensar somente os que tremiam e nenhuns outros. Pela primeira vez, tomou consciência da injustiça por parte daqueles que tinham de mandar e decidir. De repente, sentiu que os seus músculos estremeciam, a sua boca se deslocava, a sua pálpebra direita começava a tremelicar. Assaltou-o um temor ditoso. Ele afastou-se a coxear. Os seus músculos sossegaram. A sua pálpebra deixou de tremelicar.

Não conseguiu adormecer. No escuro, vestiu-se e, sem muletas, para não acordar os que dormiam, apoiando as mãos

na cabeceira da cama e na mesa, balançou a sua perna para a janela e fez com que o tronco a seguisse. Viu um pedaço do prado nocturno e o gradeamento reluzente, pintado de branco. Esteve mais do que uma hora assim, a pensar num realejo.

É uma clara tarde de Verão. Andreas está no pátio de uma grande casa, à sombra de uma árvore antiga, larga. Pode ser uma tília. Andreas faz rodar a manivela da sua caixa e toca: «Eu tinha um camarada.» Ou: «Lá fora, diante do portão»; ou o hino nacional. Ele está com o uniforme. E traz a sua cruz. De todas as janelas abertas voam moedas, embrulhadas em papel de seda. Ouve-se o som metálico abafado do dinheiro que cai. Estão ali crianças. Empregadas domésticas debruçam-se sobre os parapeitos das janelas. Não reparam no perigo. Andreas toca.

A Lua ergueu-se sobre a orla da floresta que se encontrava em frente dos barracões. Ficou tudo claro. Andreas receou que os seus camaradas o pudessem descobrir. Não queria ficar de pé naquela claridade pálida. Voltou a balançar-se para dentro da cama.

Viveu dois dias, sossegado e reconciliado.

A comissão veio. Cada um deles foi chamado individualmente a comparecer. Estava um homem junto ao reposteiro que escondia a comissão dos olhos dos inválidos à espera. De cada vez, o homem puxava para trás o reposteiro e atirava um nome cá para fora. De cada vez, um corpo débil destacava-se da fila dos outros, cambaleava, coxeava, movia-se ruidosamente e desaparecia atrás da cortina.

Os inválidos inspeccionados já não regressavam. Tinham de deixar a sala por uma outra saída. Recebiam um papelinho, depois iam para os seus barracões, embalavam as suas coisas e arrastavam-se para a última estação dos carros eléctricos.

Andreas esperou no meio dos outros, sem tomar parte nas suas conversas sussurradas. Estava calado como alguém que não quer trair-se e vive no receio de que uma pequena exteriorização o possa levar a revelar todo o seu grande segredo.

O homem puxou a cortina para trás e atirou o nome de Andreas Pum para a sala. Um quantas vezes, a perna de pau de Andreas Pum bateu no chão e ressoou no silêncio que se gerara.

De repente, Andreas começou a tremer. Viu o presidente da comissão, um oficial de alta patente com gola dourada e barba loira. Barba, rosto e gola dourada do uniforme misturaram-se numa massa feita de ouro e branco. Alguém disse:

– Mais um tremedor.

As muletas nas mãos de Andreas começaram automaticamente a saltitar no chão. Dois escriturários levantaram-se de um pulo e ampararam Andreas.

– Licença! – ordenou a voz do oficial de alta patente. Os escriturários meteram Andreas numa cadeira e apressaram-se a voltar ao seu trabalho. Aí estavam eles já curvados sobre papéis sussurrantes, enquanto as suas canetas dançavam.

Depois Andreas segurou na mão agitada um maço de papéis e saiu a coxear pela porta fora.

Quando começou a embalar as suas coisas, deixou-o a tremura. Ele só pensou: «Aconteceu um milagre! Aconteceu um milagre!»

Esperou na casa de banho até que todos os camaradas tivessem desaparecido. Depois contou o seu dinheiro.

No carro eléctrico as pessoas deram-lhe lugar. Ele escolheu o melhor dos lugares que lhe eram oferecidos. Ficou sentado em frente da entrada, a seu lado ia deitada a muleta,

atravessada no meio do carro como uma barreira fronteiriça. Todos olhavam para Andreas.

Ele foi de carro eléctrico para o hospício que era seu conhecido.

Homem simples, devoto de Deus e da sua pátria, Andreas Pum é um veterano condecorado da Primeira Guerra Mundial que, tendo perdido uma perna em combate, obtém do Estado uma licença especial para tocar realejo e pedir esmola na rua.

Apesar da sua indigência e invalidez, Andreas possui uma crença inabalável na justiça e na ordem moral do mundo. Aqueles que culpam pela sua má sorte o Imperador e o Governo, como muitos dos seus ex-camaradas de armas, são a seu ver «pagãos». No entanto, um capricho do destino irá pôr à prova a fé de Andreas mais duramente que a de Jó, abalando as suas convicções para sempre.

Romance publicado originalmente em 1924, *A Rebelião* é o retrato desencantado de uma sociedade austríaca profundamente humilhada, fracturada e perdida, cuja opressiva e burocrática máquina estatal continua a controlar de forma cega os destinos dos cidadãos.

«Os romances de Joseph Roth possuem uma estranha clarividência; são esmagadores na sua simplicidade, exaltantes na sua grandeza moral filosófica.»

Los Angeles Times Book Review

«Em *A Rebelião*, Joseph Roth, tal como os seus contemporâneos Broch, Musil e Zweig, esquadrinha, com dolorosa atenção, uma sociedade austríaca moribunda.»

Le Monde

ISBN 978-989-564-070-6
9 789895 640706



cavalo de ferro